

Flora Tristán: diálogos com a utopia



Cláudia Luna

Introdução

No longo processo que constitui a Modernidade, a construção recíproca do Velho e do Novo Mundo teve como um de seus principais agentes o viajante, sob as mais variadas roupagens: conquistador, aventureiro, missionário, peregrino. Movido sempre por um projeto utópico, traria em sua bagagem imagens pautadas por uma longa duração, fragmentos de discursos e relatos que se entrelaçam na voz desse novo narrador, que ao mesmo tempo descreve, inventa, critica, provoca, articulando ou reinventando representações que se incorporarão cedo ou tarde ao imaginário coletivo. No século XIX, quando se formam as jovens nações latino-americanas, cruzam-se vozes heterogêneas, por sob a capa homogeneizante do discurso oficial e canônico

Neste trabalho, importa-nos destacar uma viajante peculiar, pouco lembrada ou somente recém-descoberta, como é o caso da franco-peruana Flora Tristán. Além do elemento diferencial conferido pelo gênero, sua dupla nacionalidade (ainda que simbólica) a reveste do caráter especial de observadora privilegiada dos dois mundos, sob o signo da estranheza. Em suas *Peregrinaciones de una paria*, relato de viagem ao Peru, em busca de suas raízes, reescreve-se a nação sob o olhar crítico do sujeito marginalizado, no caso a mulher, tornada uma pária social por sua rejeição aos padrões estabelecidos tanto pelos modelos europeus como pelos projetos civilizatórios hispano-americanos. Em seus *Paseos por Londres*, por sua vez, Flora revela espaços pouco explorados da cidade, enfocando personagens que também se encontram às margens. Em ambos os relatos, seguramente, Tristán atua como uma das pioneiras das lutas pela emancipação feminina; luta pelo sufrágio universal, pelos direitos dos trabalhadores;; ainda que na maioria das vezes seu nome não figure ao lado de Fourier, Owen, Saint-Simon, Flora Tristán será uma das mais legítimas representante dos socialistas, dentro da perspectiva que o marxismo designaria como utópicos.

Relato de viagem - confronto de identidades

Dentre as primeiras manifestações do romance, na Antigüidade tardia, o relato de viagens constitui uma das principais modalidades. É o período de apogeu do Império Romano, cujos domínios se estendem por toda a costa Mediterrânea, nos três continentes vizinhos. Tendo o grego como língua de cultura, é comum a romances de viagens a regiões longínquas, que deleitam o público leitor – urbano, culto – com a descrição de terras distantes e estranhos costumes. O gênero perdura na Idade Média, incorporando a si um

componente intrínseco à época: o maravilhoso cristão. Assim é que a visita a regiões alémtúmulo são freqüentes – como a *Visão de Túndalo*; une-se, portanto, a viagem real à viagem metafísica ou alegórica, como mais tarde se dá na *Divina Comédia*. A viagem extraordinária é também uma viagem de aprendizagem, iniciática.

Da mesma forma, quando se inicia o ciclo de navegações, nos alvares da modernidade, os relatos de naufrágios que se multiplicam tomam por matriz o “modelo de relato medieval de viagem, principalmente nas narrações de viagens fantásticas para o além”, o que se comprova pela existência de um paradigma seguido com mais ou menos rigor, na estrutura narrativa, segundo propõe estudo de Giulia Lanciani (CHANDEIGNE, 1992: 40): **partida, tempestade, naufrágio, abordagem, peregrinação**. Do mesmo modo, repetem-se os objetivos da viagem: desejo de lucro – material ou espiritual; curiosidade pelo desconhecido, vontade de conquista.

Um traço, no entanto, será comum a todos eles – o narrador é sempre um homem: navegante, viajante, conquistador. Se as embarcações sistematicamente recebem nomes de mulheres, em contrapartida todo marinheiro sabe, segundo reza a tradição, que a presença de mulheres no mar atrai desgraças.

Dos navios europeus desembarcaram na América Latina conquistadores com todo seu arsenal de objetos “civilizatórios”, utensílios e ferramentas, animais e plantas do velho continente, projetos de construção de uma sociedade colonial que se erigia sobre os escombros das culturas vencidas.

No século XIX, paralelamente aos ventos emancipatórios, o quadro começa muito lentamente a modificar-se – inicialmente são as expedições científicas; mais tarde as viagens migratórias incentivadas pelos governos europeus. Como lembra Michelle Perrot, “os homens partem na vanguarda; na melhor das hipóteses as mulheres seguem-nos. O mundo da fronteira é o dos guerreiros e dos pioneiros, universo viril onde as mulheres são raras e o seu estatuto, tal como a sua imagem, se divide entre a loira *lady* e a puta mais colorida.”(519-520). O papel que se espera da mulher é o de guardiã da terra, de seus mortos, das tradições. Aquela que espera, eternas Penélopes. As mulheres viajantes o fazem como acompanhantes de seus maridos, os “vanguardistas capitalistas”ⁱ, mas a elas não caberá relatar a viagem. Há duas exceções: Flora Tristán e a inglesa Maria Callcot Graham, que relatará suas passagens pelo Brasil e pelo Chile.ⁱⁱ Entretanto, enquanto a segunda virá como acompanhante do marido, Flora Tristán viaja sozinha, o que constitui evidentemente um risco. Mas qual o motivo de sua “peregrinação”?

A viagem como peregrinação

Retornando alguns séculos, diríamos que Flora realiza em direção oposta périplo com intuito semelhante ao do famoso escritor mestiço (de pai espanhol e mãe inca) Garcilaso de la Vega, Inca, no século XVI – reclamar direitos, uma herança. Garcilaso tenta limpar o nome de seu pai, segundo ele injustamente acusado de participar de rebelião contra a Coroa espanhola, o que o fez perder títulos e posses. Garcilaso lutará anos a fio, e morrerá na Espanha, após escrever obras importantes, dentre as quais seus *Comentarios Reales*, onde de modo transversal mas incisivo mostra um primeiro olhar americano sobre o Novo Mundo.

Flora Tristán é instada a viajar por razões um tanto semelhantes. Seu pai, peruano, conhece, na Espanha, uma francesa; por questões que não importa discutir aqui, casam-se somente no religioso. Entretanto, já não estamos no Antigo Regime. A vitória da burguesia

na Revolução Francesa acelera a divisão entre o campo religioso e o civil. Ao instituir-se o Código Civil, na virada do século XIX, onde se declaram os direitos e deveres do cidadão, as mulheres permanecerão à margem – sem direito a voz, voto, propriedade, submetidas ao *pater poder*, subjugadas a seus maridos, com portas cerradas à instrução ou grande parte das profissões. Cria-se a divisão entre o público e o privado, e a este último devem ficar restritos seus horizontes. Assim, um casamento no religioso não concederá o estatuto civil de mulher casada à mãe de Flora, tornando-a, portanto, filha natural.

A situação se torna mais séria quando seu pai morre pouco depois, deixando as duas na miséria – aos dezessete anos Flora já trabalha como operária “colorista” no atelier de um pintor, com quem se casará, um ano mais tarde. O matrimônio dura cinco anos, mas a violência do marido a leva à separação. Mais uma vez a legislação lhe é adversa, já que neste período, na França, o divórcio não era admitido. A luta pela tutela dos filhos se arrastará por anos a fio.

Seu meio de vida passa a ser a de governanta em casa de burgueses, e, curiosamente, nesta função é que terá oportunidade de fazer suas primeiras viagens por países vizinhos, como Inglaterra e Suíça.

Em 1833, em face das dificuldades que enfrenta, resolve enfrentar o desafio de uma longa travessia marítima, rumo à América do Sul. Seu destino, o Peru; seu objetivo, reivindicar como herança a fortuna de seu pai. Entretanto seus parentes, aproveitando-se de sua condição de filha natural, não hesitam em se apropriar de seus bens, concedendo-lhe, a título de consolo, uma ínfima pensão. Sua última esperança é a avó paterna, que apesar disso lhe legara certa quantia em herança. Entretanto, assim que chega a Arequipa lhe informam que a velha senhora havia falecido. Terá de buscar amparo, então, em seu tio, don Pio de Tristán y Moscoso, eminente personagem conversador, que lutou nas tropas realistas, dono de considerável fortuna e figura influente no Peru até sua morte, em 1860.

Flora permanecerá certo período em Arequipa, depois em Lima, até que, em 1834, desiludida quanto a qualquer possibilidade de receber apoio financeiro consistente de seus parentes, resolve voltar à Europa. Suas *Peregrinaciones de una Paria*, obra que escreve sobre a viagem, assim que retorna à Europa, serão publicadas em Paris, em 1836. Marie Louise Pratt relata que quando o livro chega ao Peru, dois anos depois, a reação da sociedade peruana é de repúdio – chegam a queimar uma imagem de Flora em Lima e em Arequipa (PRATT, p. 267). Segundo Pierre Luc-Abransom (1999) há indícios de que sua obra teria sido condenada pela Inquisição e os exemplares queimados em praça pública (tal como ocorrera anos antes com a de Garcilaso, e ocorreria pouco depois com a obra do chileno Francisco Bilbao – *Sociabilidad Chilena*). Pode ser sintomático do repúdio o fato de que somente há alguns anos, mais precisamente em 1999, tivemos a primeira edição traduzida ao português. Aliás, a obra teve melhor sorte que seus *Promenades dans Londres* (Passeios por Londres), de 1840, até hoje inéditos em nosso idioma.ⁱⁱⁱ

Na verdade, a obra de Flora Tristán nos remete a uma série de questões. A primeira delas, evidentemente, é a ausência de textos de autoria feminina incluídas no cânone literário, com raríssimas exceções. Sinal evidente disto é que embora no século XIX seja grande o número de mulheres que saem da esfera privada (das cartas) para se aventurarem na escrita de ensaios, romances, poemas, tais obras, em sua grande maioria, permanecem confinadas à primeira edição. Nas últimas décadas, com a emergência e a crescente legitimidade adquiridas pelos estudos de gênero é que se desperta a atenção de pesquisadores para uma revisão do cânone. Ainda assim, somente um instrumento de pesquisa como a Internet, por exemplo, permite o acesso a romances importantes como

Blanca Sol, de Mercedes Cabello de Carbonera, *Guatimozin e Sab*, de Gertrudis Gómez de Avellaneda, entre outras, e, em nosso caso específico ao relato de viagens *Passeios por Londres*, obras que permitem acompanhar a construção da mulher como narradora e como crítica social. No entanto, para cada obra resgatada, há pelo menos cinco que permanecem no esquecimento – alguns raros exemplares em algumas bibliotecas ao longo do continente ou nem isto. Assim, a história da literatura exclui parte de seu legado, impedindo o conhecimento de discursos outros, vozes antagônicas ao projeto hegemônico ou que partam daqueles que não teriam socialmente legitimidade para expressar-se.

No caminho com Flora – Peregrinações de uma pária

O título da obra em si mesmo, sintetiza o trajeto e seu sujeito. A mulher como *pária* social, já que não dispõe de seu destino e está excluída da sociedade, já que não se adequa aos papéis femininos desejáveis, sob a tutela masculina. Seu estatuto social era dúbio – não era viúva nem divorciada, tampouco solteira, pois era mãe. No entanto, ela ousa não só viajar, como escrever, transgredindo duplamente as regras de seu tempo.

Intitular seu relato de viagem de *peregrinação*, em primeiro lugar identifica a série literária a que se filia. Como atesta Margarita Pierini, a crônica e o relato de peregrinações são os principais modelos narrativos utilizados pelos viajantes, condicionados por alguns tópicos, dentre os quais descreve como constantes a obrigação de destacar “o novo, o inédito, o elemento de aventura, o pitoresco”; ao mesmo tempo, sabendo-se que o público leitor deste relato é o mesmo que lê romances, há intercâmbio de requisitos e características entre os gêneros.^{iv}

Ao mesmo tempo, optar pelo termo “peregrinação” nos remete a todo o sofrimento envolvido no trajeto – físicos, morais, emocionais. De princípio ela se utiliza de um subterfúgio: declarar-se solteira, para resguardar-se; no entanto, desgraçadamente isso a impede de aceitar o pedido de casamento de um sincero apaixonado – seu companheiro de viagem M. Chabrié (“uma voz infernal me repetia, com um sarcasmo assustador: ‘*Tu és casada!* Com uma criatura desprezível, é verdade, mas ligada a ele pelo resto de teus dias, não podes te subtrair a seu jugo. Pesa a corrente que te faz sua escrava...’ “ (PP, P. 112)

A autora sabe traçar seu relato com as tintas mescladas da crítica social, descritiva, com entretos narrativos, diálogos vivos, e elementos de composição típicos do Romantismo, utilizando a liberdade que o período pregava. Inicia-se o relato com uma carta aos peruanos em que o caráter didático-moralizador se afirma, como que a desculpar-se pelas críticas que faz à Igreja, aos governantes, á exploração de negros e índios. Já vimos, anteriormente, que seus destinatários não receberam com bons olhos suas apreciações sobre o país.

No prólogo declara:

Disse, após havê-lo constatado, que, no Peru, a alta classe está profundamente corrompida, que seu egoísmo a leva, para satisfazer sua cupidez, seu amor pelo poder e suas outras paixões, às tentativas mais anti-sociais; disse também que o embrutecimento do povo é extremo em todas as raças de que ele se compõe. Essas duas situações sempre, em todas as nações, reagiram umas sobre as outras. (TRISTÁN, 2000, p. 32)

Como saídas, propõe, aos moldes iluministas, a instrução geral do povo, a difusão da imprensa, a dignificação do trabalho: já que “Desde que o trabalho deixe de ser considerado como o quinhão do escravo e das classes ínfimas da população, todos farão dele, um dia, um mérito e a ociosidade, longe de ser um título a ser considerado, não será mais visto como o delito do refugio da sociedade” (ibidem, p. 33).

Em seu relato, descrevem-se todos os passos do trajeto:

a) os mais de cem dias no navio com as más condições, ao melhor estilo das narrativas de viajantes:

Veio o cabo Horn, com todos os seus horrores. (...) Que lhes baste saber que a temperatura varia entre 7 e 20 ° (Fahrenheit) de frio, de acordo com a estação e a latitude pela qual se dobra o cabo. Nós o atravessamos pelos 58 °, e nos meses de julho e agosto, o que nos deu entre 8 e 12 ° (Fahrenheit de frio. Tivemos bastante neve, granizo e gelo. (ibidem, p. 102)^v

b)a travessia do deserto peruano: “ O calor começava a se tornar intenso; a poeira branca e espessa levantada pelas patas de nossos animais vinha aumentar ainda mais meu sofrimento. Era-me necessário todo um esforço de coragem para me sustentar sobre minha mula “(PP, p. 188)

c) a penosa subida para o Altiplano: “Ao subir o último pico, ainda tive de suportar uma outra prova, que a morte, essa divindade do deserto, me reservara. Um túmulo, localizado na beira da estrada de maneira que não se pudesse evita-lo, ofereceu-se a minha visão” (PP, p. 198)

Natureza inclemente, clima inóspito, falta de condições propícias – adversidades que, como ela mesma menciona em certo momento, somente funcionam como desafio, sem retirar-lhe o ânimo.

As dificuldades do trajeto, entretanto, não são menores que as dificuldades de convívio dentro da sociedade arequipenha. Segundo as regras locais, a mulher visitante, quando chegava a uma cidade, permanecia por um mês em casa, recebendo visitas; somente após este período, poderia sair para retribuí-las.

Mostra-se solidária quando retrata os dissabores de sua prima e anfitriã, dona Carmen Piérola de Florez, mulher amarga, atingida pela varíola, desprezada pelo marido, vivendo à expensas da avareza do tio, necessitando ostentar um luxo que não condiz com seus poucos recursos. A tia inveja a liberdade de Flora, e se lamenta por estar condenada a permanecer ali, já que, segundo ela, “todo ser privado de fortuna depende de outrem, é escravo, e deve viver onde seu dono o amarra”, Ao que responde Flora, significamente, que aventurou-se a viajar, embora dispusesse de muito menos recursos que a tia. Na verdade, afirmará que “A liberdade só existe realmente na vontade. Os que receberam de Deus essa vontade forte, que faz superar todos os obstáculos, são livres, enquanto aqueles cujo fraco querer se cansa ou cede diante das contrariedades são escravos, e o seriam mesmo que o destino caprichoso os colocasse no trono. (PP, p. 220)”.^v

Flora demonstra-se imbuída do olhar europeu-civilizado em determinados momentos, como, por exemplo, descreve uma típica igreja barroca com estranheza: “A pequena capela onde me encontrava estava decorada de forma tão burlesca quanto todas as do Peru. O altar estava sobrecarregado de figuras em gesso, de uma virgem bizarramente vestida, de um grande Cristo coberto por gotas de sangue, de castiçais de prata, etc “^{vi}.

Por outro lado, é sagaz na crítica ao Clero como conservador da opressão, e, em face da sucessão de festividades religiosas, que mistura “na mesma noite, ver crucificar Jesus Cristo, representação que acontece nas igrejas da América durante a Semana Santa, em seguida ao teatro para admirar os acrobatas, depois às brigas de galo” (PP, p. 227) tem atitude distinta de seus compatriotas: “os franceses que estavam conosco na representação do Mistério contentaram-se com zombar e rir, e não foram afetados de outra forma por ele. Tanto quanto pude vê-lo, fui a única a voltar penalizada deste espetáculo” (PP, p. 227).

Vamos deter-nos no primeiro volume, por questões de espaço. Especialmente porque seu final é singular, pois cria uma expectativa no leitor que não se concretizará na segunda parte. Termina a primeira parte com o tão esperado encontro entre tio e sobrinha, descrito com termos típicos da melhor heroína romântica: “Foi preciso, no entanto, me retirar; e embora fosse tarde não o deixei senão contra a vontade; encantada, eu gozava da felicidade de me achar perto dele, não ousei refletir no que devia esperar disso, inteiramente subjugada pelo fascínio que ele espalhara sobre mim. (PP, p. 280)“.

Percebe-se com nitidez a contradição entre o espírito audaz, que se aventura fisicamente, por mares e terras estranhas, dando vazão a sua vontade, lutando pela afirmação de seus desejos, enfrentando preconceitos, por um lado, e a velha sensação de segurança que a sociedade incute nas mulheres em relação à proteção do Pai ou de seu sucedâneo masculino.

Escrita já em Paris, a obra poderia constar também como um romance de aprendizagem, uma vez que a autora opta pelo molde narrativo, romanesco, onde a experiência pessoal ajuda a forjar a consciência social. A este relato, se seguem uma série de panfletos e cartas sobre a condição das mulheres, refletindo sua atuação determinada como militante pelos direitos femininos e dos trabalhadores em geral. Sua casa se torna ponto de encontro de intelectuais e militantes.

Outro olhar sobre a civilização

Mas Flora era uma viajante, por natureza. Seria interessante um estudo que aprofundasse a comparação entre as *Peregrinações de uma Paria* e os *Passeios por Londres*. Em primeiro lugar, a distância semântica entre os termos *peregrinação* e *passeio* é assombrosa. Se ambos apontam para movimento, o primeiro traz a aura cristã, ancestral da viagem por penitência ou imbuída de missão religiosa, apontando para a passagem por territórios inóspitos, inexplorados, perigosos. O segundo, se faz parte da tradição socrática, ou seja, traz a marca da reflexão, principalmente se associa a uma figura que Baudelaire consagra: o *flanêur*, associado à expansão da vida urbana dentro dos projetos modernizadores e reformuladores da cidade, no século XIX. Um certo olhar americanista poderia induzir-nos a pensar: até que ponto peregrinação foi utilizado pois se tratava de viagem a terras “primitivas”? O passeio urbano, por sua vez, na esteira *baudelairiana*, já remeteria ao ambiente da modernidade, da civilização e da civilidade. No entanto, os títulos podem carregar armadilhas...

O tom do discurso, agora, é muito menos romântico, embora não se prive de traçar impressões sobre os personagens com os quais se defronta, demonstrando sentimentos de compaixão e piedade. No entanto, o discurso é crítico e mais uma vez ela se atreve a transitar pelos espaços marginais e definitivamente proibidos a “mulheres decentes”: os prostíbulos e bairros de prostituição; as penitenciárias de homens e de mulheres; as fábricas e tecelagens, o bairro dos irlandeses (não, a menos que o tenhamos visto, é impossível imaginar uma miséria tão horrorosa, um envilecimento tão profundo, uma degradação do ser humano tão completa)^{vii}, o bairro dos judeus. Em suma, os subterrâneos da cidade, os espaços obscuros e marginais, as entranhas do monstro capitalista. Afinal, a Londres dará o epíteto de “a cidade monstro”, logo no início de seus *Passeios por Londres*:

Que imensa cidade é Londres. Como esta grandeza, gora de toda proporção com a superfície e a população das Ilhas Britânicas, lembra imediatamente o espírito e a opressão da Índia e a superioridade comercial da Inglaterra! Mas as riquezas, provenientes do êxito da força e da astúcia, são de natureza efêmera. Aquelas não durarão sem destruir as leis universais, que querem que, um dia, o escravo rompa seus ferros, os povos subjogados sacudam o jogo e que as luzes úteis ao homem se expandam a fim de que a ignorância seja também vencida.^{viii}

A diferença essencial entre os relatos é a liberdade de que goza a autora, ou melhor, a liberdade conquistada pelo processo de conscientização, para o qual foi fundamental sua “peregrinação” pelas terras andinas.

Outro aspecto curioso a observar é a ambigüidade da filiação de Flora. Se considerada francesa, seu relato sobre a América é mais um dentre os das mulheres que ousaram escrever sobre suas experiências (embora sob a forma somente de cartas e à sombra do trabalho de seus maridos); de todas as formas, um olhar do europeu sobre o americano.

No entanto, Flora é atualmente reivindicada como semiperuana; o que transforma seu relato sobre Londres praticamente no primeiro texto em que um latino-americano se debruça sobre as misérias do mundo “desenvolvido” (lembramos que é anterior à viagem que Sarmiento efetua à Europa (além de África e América do Norte) e que registrará em livro^{ix}. A autora acentuará, além disso, o caráter imperialista da Inglaterra e a dívida para com suas colônias.

O cúmulo de sua audácia estará no episódio que narra em tons cômicos, mas que é rico em elementos simbólicos, em penetrar na sacrossanta Câmara dos Lordes, travestida de homem, em trajes turcos.

De todas as formas, há, já nesta obra, a repulsa a toda forma de exploração, demonstrando marcado sentimento universalista:

A escravidão não é a meu ver o maior dos infortúnios humanos desde que conheci o proletariado inglês. O escravo está seguro de seu pão para toda a vida e de cuidados, quando adoecer enquanto que não existe nenhum vínculo entre o operário e o amo inglês. Se não têm trabalho para entregar, o operário morre de fome; se está doente sucumbe sobre a palha de seu pobre leito, a menos que já perto de morrer seja recolhido num hospital, porque é um favor ser admitido ali. Se envelhece, se, como decorrência de um acidente é estropeado, mendiga escondido, por medo de ser preso. Esta situação é tão horrível que, para suporta-la, é preciso supor no operário uma coragem sobrehumano ou uma apatia completa.^x

Utopistas e Libertários

A utopia, no século XIX, se revestia de um cunho social – ou seja, não mais viagens a países imaginários como forma de criticar a sociedade real e sonhar a ideal, mas como um projeto “possível” de uma nova sociedade, a ser implantada. Saint-Simon, Fourier, Owen, são diversos os nomes que constam dos compêndios, antecedendo aos socialistas científicos, Marx e Engels. A não inclusão do nome de Flora Tristán (morre em 1844) no primeiro grupo somente atesta, mais uma vez, o rechaço da mulher como sujeito histórico.

No Peru, a figura de Flora influenciaria Juan Bustamante, reformador social que luta contra injustiças (se considerava descendente de Tupac Amaru) e termina torturado e decapitado em praça pública. O episódio abre espaço para a emergência de um fenômeno de cunho milenarista – seu nome passa ao domínio da lenda; a ele se atribuem milagres, sua volta é sempre prenunciada. Também ele realiza uma viagem a Londres, que serão registrados em *Apuntes y observaciones...*, obra cujo teor e estilo demonstra que se calca evidentemente nos *Passeos* de Flora, embora sem apresentar tanto vigor.^{xi}

Em verdade, a importância da obra de Flora Tristán reside na reunião de três aspectos: a) reivindicação feminista, ao lutar por transformar o papel das mulheres na sociedade moderna, tornando-as cidadãs de pleno direito; b) crítica à exploração do proletariado e reivindicação por sua emancipação, o que, em suma, sinaliza para c) a “reivindicação política sobre a construção de uma nova sociedade universal!”. (p. 15 – Roland Forgues).

Por isso ela advertiria, em 1843, em *União Operária*: “Reclamo direitos para a mulher porque é o único meio de conseguir sua reabilitação diante da Igreja, diante da lei e diante da sociedade, e porque é necessária essa prévia reabilitação para que os próprios trabalhadores sejam reabilitados”^{xii}

Conclusão

No início de um novo milênio, em que se rediscutem os próprios conceitos de civilização e barbárie, onde grassa miséria e desencanto, e se apregoa o neoconformismo a partir da alegada morte das utopias, recuperar a voz e o legado de Flora Tristán é municiar-se de elementos que nos permitem melhor refletir sobre o futuro que desejamos e o papel que possuímos em sua construção.

Ao mesmo tempo, é necessário garantir a manutenção e expansão dos direitos conquistados em séculos de luta por mulheres de todo o planeta, sujeitas ainda hoje a toda sorte de violência, desde a mais sutil, encarnada pela propaganda, até as mais ferozes, como lapidações, mutilações sexuais e assassinatos, aceites pelo mundo “dito civilizado” com o cínico e cômodo argumento de que se trata de questões “culturais”.... Nenhum argumento “cultural” pode ser desculpa para discriminação, maus tratos, violência, em suma, violação dos direitos humanos. Numa humanidade da qual as mulheres constituem pelo menos a

metade, não é possível “lavar as mãos” sem estar praticando um crime contra a humanidade.

NOTAS

ⁱ O termo é utilizado por PRATT (1999: p. 267)

ⁱⁱ Trata-se de *Voyage to Brazil e Journal of a Residence in Chile*, de 1824. Marie Louise Pratt estabelece um interessante estudo comparativo entre as duas autoras no capítulo “Reinventando a América II” (PRATT, 1999).

ⁱⁱⁱ A ela tivemos acesso unicamente através da versão digitalizada pela Biblioteca Cervantes Virtual.

^{iv} PIERINI in: PIZARRO, 1994, v. 2: p. 174

^v Em nota de pé de página o tradutor esclarece que se trata de temperaturas que chegavam aos 13,3 ° C negativos.

^{vi} TRISTÁN, 2000: p. 201. A partir de agora indicaremos as citações de *Peregrinaciones de una paria* (PP) no corpo do trabalho.

^{vii} No original: “no, a menos de haberlo visto es imposible de figurarse una miseria tan horrorosa, unenvilecimiento tan profundo, una degradación del ser humano tan completa” (Fragmento retirado da versão consultada na Internet, site www.cervantesvirtual.es)

^{viii} No original:

¡Qué inmensa ciudad es Londres! ¡Cómo, esta grandeza, fuera de toda proporción con la superficie y la población de las Islas Británicas, recuerda inmediatamente el espíritu y la opresión de la India y la superioridad comercial de Inglaterra! Pero las riquezas, provenientes del éxito de la fuerza y de la astucia, son de naturaleza efímera. Aquellas no durarán sin destruir las leyes universales que quieren que, un día, el esclavo rompa sus hierros, los pueblos sojuzgados sacudan el yugo y que las luces útiles al hombre se expandan a fin de que la ignorancia sea también vencida (versão site www.cervantesvirtual.es)

^{ix} Trata-se de SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes por Europa, África i América. 1845-1847*. Madrid, Paris, (...) São Paulo: ALLCA XX/ Scipione Cultural, 1997.

^x No original:

La esclavitud no es a mis ojos el más de de los infortunios humanos desde que conozco al proletariado inglés. El esclavo está seguro de su pan para toda su vida y de cuidados, cuando cae enfermo; mientras que no existe ningún vínculo entre el obrero y el amo inglés. Si no tienen obra por entregar, el obrero muere de hambre, si está enfermo sucumbe sobre la paja de su pobre lecho, a menos que cerca ya de morir sea recibido en un hospital: porque es un favor el se admitido ahí. Si envejece, si como consecuencia de un accidente es estropeado, se le regresa y mendiga a escondidas por miedo de ser detenido. Esta posición es tan horrible que, para soportarla, es preciso suponer en el obrero un coraje sobrehumano o una apatía completa. (*Paseos por Londres*, capítulo VII - versão site www.cervantesvirtual.es)

^{xi} Sobre o assunto, remeto a ABRAMSON, 1999.

^{xii} apud TRISTÁN, 2000: p. 14.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopías sociales en América Latina en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

DUBY, George & PERROT, Michelle, (orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1991. vol 4.

JOZEF, Bella. História da Literatura e Crítica Literária. In: CARVALHAL, Tânia Franco, (org.). *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL: Ed. da Usininos, 1996. p. 177-188.

GUAL, Carlos García. *Los orígenes de la novela*. Madrid: Istmo, 1988.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História: ensaios*. 3. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LANCIANI, Giulia. Uma história trágico-marítima. In: CHANDEIGNE, Michel. *Lisboa Ultramarina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MATTELART, Armand. *História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORE, Thomas. *Utopia: texto integral*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973. (Coleção Livros de Bolso Europa América, 49).

MOURÃO, José Augusto Miranda. *A visão de Tândalo; da fornalha de Ferro à Cidade de Deus (em torno da semiótica das visões)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

PIERINI, Margarita. La mirada y el discurso: la literatura de viajes. In: PIZARRO, Ana, (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. V. 2: A emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 161-183.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad em América Latina: literatura y política en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STEPHAN GONZÁLEZ, Beatriz et alii, (comp.) . *Esplendores y miserias del siglo XIX: cultura y sociedad en América Latina*. Caracas: Monte Ávila, 1994.

TRISTÁN, Flora. *Peregrinações de uma paria*. Porto Alegre: Editora Mulheres/ EDUNISC, 2000. 400 p.

----- . *Paseos por Londres*. Lima: Biblioteca Nacional del Peru, 1972. (através do site www.cervantes.virtual.com.es)